

DIRECTOR: FRANCISCO PINTO BALSEMÃO

SUB-DIRECTORES: AUGUSTO DE CARVALHO/MARCELO REBELO DE SOUSA

Rua Duque de Palmela, 37. 2.º Dt.º telfs. 535968/9 - 572569 - Lisboa

Conselho de Ministros: das viagens às taxas

EM S. BENTO, reuniu, ontem, o Conselho de Ministros o qual, dado a sua extensa agenda (41 pontos em discussão), ainda não tinha terminado, à hora de fecharmos esta edição. Antes do início da sessão, o Primeiro-Ministro, almirante Pinheiro de Azevedo, bem como o ministro da Justiça, Pinheiro Farinha, fariam exposições relativas às suas recentes viagens, respectivamente à Áustria e a Estrasburgo (Conselho da Europa), sendo ainda de destacar uma análise do secretário de Estado do Planeamento Económico sobre os problemas financeiros e orçamentais do IARN.

Entre os pontos em discussão, refira-se a apreciação de um diploma sobre a possibilidade de se reduzir a laboração das empresas para três dias por semana e um outro referente ao controlo de gestão. Este último, que está para ser aprovado há longos meses, tem sido alvo de repetidas revisões, a última das quais da responsabilidade do Ministério das Finanças. Outro ponto, considerado de grande importância, dizia respeito à apreciação do estudo das opções fundamentais das indemnizações aos acionistas das empresas nacionalizadas. Este estudo, que pela segunda vez será apresentado em CM, é da responsabilidade de um grupo de trabalho nomeado pelo secretário de estado do Tesouro (ver notícia pág. 10).

No domínio da economia, destacamos ainda a criação de Centros de Coordenação da Indústria Metalomecânica Pesada e Indústria Naval, seria igualmente apreciada a possível criação de uma comissão encarregada de estudar o aproveitamento das pirites de Aljustrel, minério que virá a ser usado na nova siderurgia a construir no país.

A imprensa seria também abordada no Conselho, nomeadamente os casos «República», «Época» e «Setubalense». Por sua vez, o problema das taxas de rádio e televisão seria de novo debatido, visto existirem, neste momento, cerca de 400 mil processos acumulados de não pagamento das respectivas licenças.

Um tema, cinco jornais

De acordo com Ramalho Eanes, esta ampla orquestração não tem produzido os seus efeitos e, se a primeira vista, parecia beneficiar a extrema-direita, na verdade, poderia ser aproveitada por um certo partido: sobre este, diria que esperava que ele abandonasse as suas atitudes golpistas, manifestando a certeza de que este tipo de atitude não corresponde a uma prática geral que englobasse todos os seus militantes.

OS DOIS recortes acima reproduzidos pertencem às edições de ontem de dois vespertinos: «Diário de Lisboa» (à direita) e «Jornal Novo» (à esquerda). Acrescentamos apenas que as versões quer de «A Luta» quer do «Diário Popular» se assemelham, chegando mesmo o jornal de Raúl Rego a destacar para título que «a alusão foi interpretada como dirigida ao PCP». Por seu lado «A Capital» afirmou que Eanes dissera que «a perturbação ensaiada serviria à extrema-direita, mas também poderia ser aproveitada, com larga margem pela esquerda». Conclusão: um tema, cinco jornais.

EXPRESSO sairá na quinta-feira

EM VIRTUDE dos feriados da semana da Páscoa e das dificuldades técnicas e de distribuição deles resultantes, o EXPRESSO da próxima semana será posto à venda em todo o país na quinta-feira.

Nesse número, além da continuação das «Histórias Exemplares da Aproximação de um Período Difícil» (ver pág. 13 do n.º de hoje) e da publicação dos depoimentos do PS e do CDS sobre a situação económica e financeira (ver, na pág. 14 do n.º de hoje, os depoimentos do PPD e do PCP), inseriremos extensas entrevistas com os secretários-gerais do Partido Socialista e do Partido Popular Democrático, MÁRIO SOARES e FRANCISCO SÁ CARNEIRO, conduzidas por Augusto de Carvalho, com a colaboração de António Mega Ferreira e César Camacho.

Spínola volta ao Brasil e gravação parece fidedigna

EM CUMPRIMENTO da ordem de expulsão dada pelo Governo suíço, António de Spínola seguiu ontem de avião para o Brasil, PARTIU cerca das 20.30 h. de Zurich com escala na República Federal da Alemanha. O ex-general era acompanhado do seu secretário Luís Oliveira Dias, que também recebeu ordem de expulsão.

Segundo o correspondente do EXPRESSO, em Genebra, a expulsão de Spínola, baseada no art. 70.º da Constituição Federal (que dá ao Conselho Federal o direito de expulsar qualquer estrangeiro que, pelas suas actividades políticas, ponha em perigo a segurança interna e externa da Suíça), veio no seguimento de investigações levadas a cabo pelo Ministério Público daquele país, e iniciadas a 7 de Abril.

A expulsão de Spínola foi alvo de uma conferência de imprensa dada pelo Conselho Federal (ministro da Justiça e Polícia) Kurt Fuergler, na qual este se excusou a não manter qualquer actividade política (afirmando que desejava permanecer em Geneve por motivos de saúde) e que não veio a cumprir, tendo-se provado que desenvolveu actividades em favor do MDLP. Kurt Fuergler não revelou, no entanto, quais seriam sido essas actividades.

A 7 de Abril, o Ministério Público abriu um inquérito, em virtude de existirem suspeitas de que Spínola estaria a desenvolver actividades e contactos políticos. No decorrer do inquérito, provou-se que Spínola passara uma credencial a José Valle de Figueiredo e Oliveira Dias, ambos ligados ao extinto Partido do Progresso, a fim de que estes pudessem negociar em seu nome «apoios financeiros e logísticos» para o MDLP.

Interrogado pelas autoridades suíças sobre a sua deslocação à Alemanha, Spínola teria declarado que lhe foram oferecidas armas o que recusou.

Ainda durante a conferência de imprensa, o ministro da Justiça suíço afirmou não se terem conseguido provas de que Spínola pretendia adquirir armas. Se tal viesse a acontecer, em vez de ter sido expulso, poderia mesmo ter sido preso ao abrigo do art. 129.º da Constituição.

Saliente-se, finalmente, que, nestes casos, o Governo suíço costuma adiantar o mínimo de informações indispensáveis.

Gravação fidedigna

Entretanto, o EXPRESSO, através do seu correspondente em Bona, conseguiu mais alguns elementos importantes sobre a reportagem da Stern.

Assim, segundo círculos oficiais bem informados, é considerado

Eanes denuncia tentativa de substituir os 3 chefes do E.M.

«HÁ RAZÕES que podem justificar suspeitas, relativamente à reportagem que a revista alemã Stern publicou sobre o ex-general António de Spínola» — afirmou-nos o general Ramalho Eanes ontem, em Santarém, onde se deslocou para participar nas comemorações do dia da Unidade, na Escola Prática de Cavalaria. Interrogado sobre declarações de um oficial do Estado Maior do Exército, que tinha considerado aquela reportagem especulativa, Ramalho Eanes adiantou-nos: «De facto, há ali algumas



Eanes na EPC — aparato bélico foi considerado aviso a tentativas de golpe.

confusões. Quem conhece Spínola, sabe que ele pouco mais come que galinha cozida, acompanhada de águas minerais. Com os tratamentos rigorosos que ele costumava seguir, é difícil imaginá-lo a beber champagne e comer lutas refeições. De qualquer maneira, isto não significa que neguemos a veracidade da reportagem».

De resto, quando começou a pronunciar-se sobre este assunto, Ramalho Eanes fez uma longa dissertação, em que ligou certos factos passados, antes da publicação do trabalho de Wallraff. Segundo o CEME, podem estar relacionados com a reportagem rumores de instabilidade, de «possíveis agitações com o especulado regresso de Spínola, que poderiam mesmo levar o Presidente da República a declarar o estado de sítio». Por outro lado, Ramalho Eanes garante ter conhecimento de conversas nos corredores da Assembleia Constituinte, onde se afirmava que os chefes de Estado Maior dos três ramos seriam substituídos ainda antes das eleições. Pouco depois, em conversa informal, o brigadeiro Vasco Lourenço sublinharia que estas conversas teriam sido ouvidas a «capitulos da esquerda». Ramalho Eanes apontou também como significativa, a presença de «um jornalista português de determinado partido» (referindo-se, possivelmente, ao director do «Avante», Dias Lourenço), na conferência de imprensa que Wallraff deu, no passado dia 7.

Quanto às informações de que poderiam entrar armas em Portugal através dos altos comandos, Ramalho Eanes classificou-as de descabidas, afirmando haver um controlo absoluto sobre as armas utilizadas pelo Exército.

«Desagradável, mas não preocupante»

«Esta campanha visa criar perturbações que poderão conduzir a uma tentativa de golpe desagradável, mas não preocupante» — especificou o CEME, que continuou: «Em princípio, tudo isto favorecerá a extrema-direita. No entanto, segundo as conversas detectadas nos corredores da Constituinte também se pode concluir que um certo partido de esquerda seria beneficiado. A propósito, gostava que esse partido, envolvido em diversos golpismos, entrasse definitivamente no jogo democrático».

Uma vez que os nomes dos conselheiros da Revolução, apontados como sendo da confiança de Spínola, não foram revelados pelo ex-general, mas por elementos do MDLP e ELP, no Norte do País, perguntámos ao CEME se considerava plausível a opinião de alguns observadores políticos, segundo a qual, a extrema-direita estaria interessada em comprometer-lo. Esta ideia justificaria-se pela sua resistência a tentativas de manipulação por parte de organizações conservadoras, tendo-nos respondido Ramalho Eanes: «É uma interpretação possível».

Outro ponto focado referiu-se a um documento anónimo, que tem circulado pelas unidades em nome dos militares de Abril, Ramalho Eanes considerou «mais um documento para impedir a coesão das Forças Armadas».

Melo Antunes: «camarada coerente»

Sobre as armas que estão a ser enviadas para a África do Sul, por via marítima, o CEME, acrescentando que esse é um problema do Estado Maior General das Forças Armadas, informou-nos pensar que se trata da devolução de equipamento emprestado. Note-se que esta pergunta veio na sequência de afirmações de Ramalho Eanes, para demonstrar que os altos-comandos não têm interesse em canalizar armas para o país, segundo as quais Portugal teria à sua disposição grandes quantidades de armas, pelo que as poderia vender.

Referindo-se a Melo Antunes, o CEME diria: «Tem sido um camarada coerente durante todo o processo político. Liga-me a ele uma grande amizade». Posta a questão de que um estaria a suportar o outro, arriscando-se a cair em ambos, Ramalho Eanes acrescentou: «Não estou nada preocupado com a queda conjunta».

A prisão de Marcelino da Mata foi também abordada, tendo Vasco Lourenço informado «não haver a certeza de ser, o ex-alfere Marcelino da Mata, o indivíduo de corpo em Espanha». De resto, foi dito que constava ter Marcelino da Mata telefonado para um amigo em Portugal, desmentindo ser ele a pessoa em questão.

Resta acrescentar que, entre os oficiais presentes às comemorações da Escola Prática de Cavalaria, além de Ramalho Eanes e Vasco Lourenço, estavam-se o Director da Arma de Cavalaria, Duarte Silva, o tenente coronel Jaime Neves e o major Monge. Neves recusou-se a comentar a notícia da revista «Stern» e afirmações do brigadeiro Franco Charais, que apontavam para a possibilidade de «um golpe de estado técnico». «A isso limito-me a sorrir» — disse Jaime Neves.

Durante as comemorações, o grande aparato bélico que desfilou em Santarém, acompanhado pelo voo de alguns aviões da Força Aérea, foi considerado por diversos oficiais-generais como um aviso «contra qualquer tentativa de golpes, por parte de aventureiros».

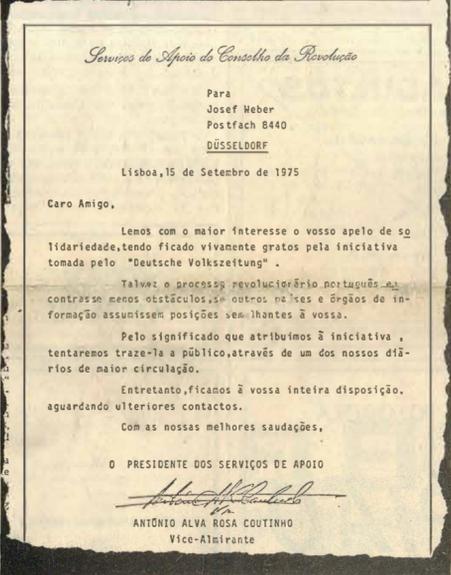
Os discursos de Ramalho Eanes e do capitão Cadavez (que falou em nome da EPC) limitaram-se a uma retrospectiva histórica da Arma de Cavalaria, em Portugal, tendo Ramalho Eanes terminado com a seguinte afirmação: «Posso garantir ao povo que terá a sua democracia e não haverá ditadura que se lhe consiga impor».

Wallraff e o «Initiativ kreis»

A personalidade de Gunther Wallraff foi também aprofundada pelo EXPRESSO, que apurou ser membro da ala esquerda do SPD, considerado de posição próxima de formações marxistas-leninistas, como o Partido Comunista Alemão.

Escritor e jornalista polémico, e conhecido, o autor do artigo da «Stern» tem sido várias vezes desmentido, embora os seus contraditórios tenham sempre grande dificuldade em comprovar a falsidade das suas prosas políticas.

Wallraff encontra-se ligado ao «Initiativkreises Solidarität mit



Carta de Rosa Coutinho ao jornal «Deutsche Volkszeitung», com o qual se encontra ligado Gunther Wallraff.

AS TRÊS VEZES EM QUE PINHEIRO DE AZEVEDO ESTEVE PARA CAIR (E NÃO CAIU) Pág. 13

Tomás Rosa (ministro do Trabalho) «É possível indispensável e lógico extinguir a Intersindical» Págs. 16, 17

eleições A campanha dos 4 líderes Págs. 4 e 5

O «affaire Spínola-Wallraff» ou um xeque a três generais Págs. 2 e 3

Indemnizações aos accionistas das nacionalizadas: critérios apresentados ao Governo Pág. 10

Encontro Melo Antunes-Chissano em Copenhague?

Melhores condições. Esta seria uma forma de apoio da Frelimo às forças de esquerda portuguesas na sequência da visita da Delegação do PCP a Moçambique e Angola, dirigida por Álvaro Cunhal.

Entretanto, o nosso correspondente em Copenhague contactou, ontem à tarde, com o chefe de gabinete do ministro Melo Antunes, tenente-coronel Gonçalves da Costa, o qual se limitou a dizer que desconhecia o encontro, não fazendo qualquer desmentido formal.

Freitas do Amaral ao EXPRESSO: «Tanto o CDS, como o PS, como o PPD podem obter o primeiro lugar»

PROSEGUINDO as entrevistas com líderes dos principais partidos concorrentes às eleições de 25 de Abril próximo, para a Assembleia da República, o EXPRESSO, publica hoje longa entrevista com Diogo Freitas do Amaral, presidente do Centro Democrático Social.

EXPRESSO — Aqui no seu gabinete está colado um cartaz que diz: «A resposta é muito simples». O cartaz é assinado por Freitas do Amaral. Qual é a resposta?

FREITAS DO AMARAL — A resposta é CDS. O CDS tem a resposta para os diferentes problemas, dificuldades e anseios do povo português, e costuma dá-la com simplicidade e naturalidade, de uma forma tanto quanto possível directa.

EXP. — Isso significa que, em sua opinião, o CDS vai ganhar as eleições?

F. A. — Não sou profeta. Não sei se vai ganhar as eleições, sei que o CDS decidiu — são essas as suas opções estratégicas — jogar para ganhar. Está na disposição de ganhar, faz os possíveis para isso. Se ganhar, fica muito satisfeito; se não ganhar, saberá desportivamente perder.

Nos últimos cinco dias

EXP. — Quais são as possibilidades dos concorrentes mais próximos?

F. A. — Os concorrentes mais próximos são o Partido Socialista e o PPD.

EXP. — Por essa ordem?

F. A. — Ou pela ordem inversa. EXP. — O que quer isso dizer?

F. A. — Quer dizer que tanto o CDS, como o PS, como o PPD, podem obter o primeiro lugar, o segundo ou o terceiro. Isso é uma questão que se vai decidir nos últimos cinco dias antes das eleições.

de que o CDS vai buscar votos, neste momento, fundamentalmente ao PPD e ao PS, embora, porque o PS teve muito mais votos do que o PPD e porque de todos os partidos foi o que teve mais votos que não lhe pertencem por natureza, é natural que seja ele a perder mais votos, em relação ao PPD e ao CDS.

Coligações: Com PS e/ou PPD, sim; com PCP, não

EXP. — Se o CDS ganhar as eleições, não terá a maioria absoluta e precisará coligar-se. Se o CDS não ganhar as eleições, poderá permanecer na oposição como até agora, ou aceitar coligar-se com outro ou outros partidos. Gostaria de ouvir a sua opinião sobre estas e outras hipóteses.

F. A. — Todas essas hipóteses são possíveis, desde a vitória absoluta que permitiria ao CDS formar um Governo sozinho, até ao extremo de poderemos ficar na oposição, passando pela entrada para o Governo em coligação. Nós decidimos não tomar posição definitiva antes de conhecermos o resultado das eleições. Estes determinam, de uma forma concreta, as coligações possíveis.

A única coligação que excluímos é a que envolve o Partido Comunista. Com o PS ou com o PPD, neste momento, mantemo-nos livres para qualquer coligação.

EXP. — No entanto, como parece ser a sua convicção, se o CDS obtiver o maior resultado, mas não a maioria absoluta, poderá dar-se ao luxo de escolher o seu parceiro...

F. A. — Terá uma palavra a dizer, embora, só por si, não seja definitiva. Há casos de democracia perfeitamente consolidadas, onde o partido que obtém maior número de votos nas eleições fica na oposição. É o que sucede, por exemplo, na Alemanha Federal:

o CDU foi, nas últimas eleições, o partido mais votado, mas a coligação dos social-democratas e dos liberais conseguiu a maioria que o CDU sozinho não obtve. Qualquer partido que fique em primeiro lugar não tem, só por esse facto, assegurado o direito de pertencer ao Governo; desde que não tenha a maioria absoluta dos lugares no parlamento, só se entrar em coligação irá para o Governo. Tem, no entanto, uma palavra muito importante a dizer e, no nosso caso, di-la-emos.

CDS-PS: «Não é namoro, apenas troca de galhardetes»

EXP. — A propósito dessa palavra que o CDS terá a dizer, continuando a partir do princípio que ganham as eleições: fala-se de um namoro entre o CDS e o PS e até há quem diga que é recíproco.

F. A. — Em primeiro lugar, não há nem houve qualquer namoro entre o CDS e o PS. Houve apenas algumas votações em que o CDS votou com o PS, tal como, noutras, votou com o PPD e até com a UDP: isso só significa que nós não temos qualquer espécie de seguimento em relação a outros partidos, e que, em cada caso, votamos de acordo com os nossos princípios e a nossa consciência.

Por outro lado, fizemos algumas declarações de sentido favorável ou elogioso em relação a determinadas atitudes do PS, bem como o PS as faz em relação a determinadas atitudes do CDS. Mas isso não é um namoro, é apenas uma troca de galhardetes.

EXP. — Já em relação ao PPD isso não se passou, nem de um lado nem do outro...

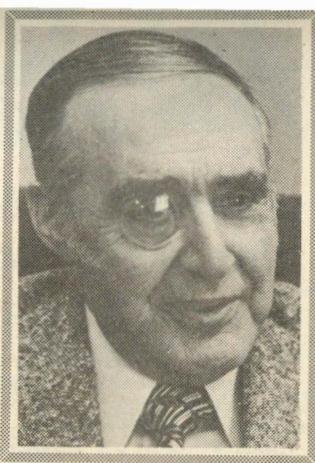
F. A. — Não se passou. Tomámos a iniciativa de fazer um elogio público à actuação do PS na defesa das liberdades democráticas em Portugal, e o PS, depois, retribuiu,

OMEGA TIME COMPUTER Além de relógio um ordenador no vosso pulso. Indicador das horas, minutos, segundos, mês e dia.

TIRAGEM DESTA NÚMERO 94 700 EXEMPLARES

# O "affaire Wallraff" ou um xeque a três oficiais generais

Marcelo Rebelo de Sousa



Uma confirmação mais de inépcia política?

LANÇADO na República Federal da Alemanha o escândalo tem estado na ordem do dia da actualidade política nacional: Guenther Wallraf — jovem jornalista de esquerda radical — foi o detonador.

Vale a pena reconstituir o essencial da sua denúncia para tentar compreender as suas causas e eventuais consequências políticas.

Guenther Wallraf esteve em Portugal, tendo vivido cerca de três meses na Cooperativa "A União faz a força", em Alvalade (Alentejo). Também passou, ao que parece, pela Torre Bela e pela Cooperativa "Estrela Vermelha".

A meados de Março regressou à RFA, assegurando que voltaria em Abril com um apoio económico de um Comité de Solidariedade para com Portugal.

Antes, contudo, tivera — segundo diz — a experiência de contactar com elementos do MDLP, com militantes do CDS com ele conexos, e até a falar com personalidades da Hierarquia Católica ligadas ao MDLP (mas concretamente do Arcebispo de Braga).

Tudo isto — e muito mais — foi narrado, em primeira mão, no "Diário Popular" de 1 de Abril, em que também se contava a forma como Wallraff conseguira habilmente introduzir-se na estrutura clandestina do MDLP. Na reportagem prometiam-se posteriores revelações de Wallraff.

Cerca de uma semana pairaria sobre essas revelações um silêncio quase total dos órgãos de Informação portugueses e estrangeiros.

Até que, no dia 7, dando expressão a notícias transmitidas por agências estrangeiras os matutinos vieram divulgar acusações particularmente graves de Guenther Wallraff.

Este anunciava um próximo golpe de estado de extrema-direita. Teria entrado em contacto com elementos ultra-direitistas portugueses, que lhe teriam proporcionado encontros com Spínola na própria República Federal da Alemanha.

Este encontro ter-se-ia realizado num restaurante em Dusseldorf. Teria presenciado o encontro o dr.

Meinecke, elemento da organização "World Activities for Human Rights", e membro do Partido Liberal Alemão.

Spínola teria sido atraído a Dusseldorf, apresentando-se os interlocutores como representante de importantes círculos financeiros da extrema-direita alemã.

A 24 de Março dois colaboradores (José Vale de Figueiredo e Luís Oliveira Dias) de Spínola ter-lhe-iam entregue uma lista com os desejos do MDLP, envolvendo entre outro armamento, cerca de 6000 espingardas e metralhadoras, e também mais de 11 milhões de marcos para soldo das tropas do Movimento.

Wallraff ter-se-ia encontrado no dia 25 com Spínola no restaurante Scjunellenburg, em Dusseldorf. O nome falso de Spínola seria o de "General Walter".

Wallraff que era portador de um gravador de bolso anotou várias declarações de Spínola, entre as quais referentes aos 100000 homens do MDLP, a um eventual golpe a desencadear em Maio ou Junho (antes das presidenciais), e também a ligações que existiriam entre o MDLP e o CDS.

Estes e outros pormenores, transmitidos pela Agência Reuter (que teria confirmado a estadia de Vale de Figueiredo e Oliveira Dias no Park Hotel de Dusseldorf, entre 24 e 26 de Março) constavam de uma edição da revista alemã Stern, de anteontem, e foram ontem transcritos na íntegra pelo semanário "O Jornal".

Aliás, para além da reportagem da Stern, intitulada "Affaire Spínola", também o 3.º canal da TV alemã transmitiu, no dia 6, no programa "Tema do Dia" uma entrevista com Wallraff acerca do mesmo assunto.

E, a 7, Wallraff deu uma Conferência de Imprensa em Bona, à

qual estiveram presentes cerca de 60 jornalistas, entre os quais João Lourenço, director do jornal "Avante", cuja presença foi justificada como sendo de passagem.

Toda a Imprensa portuguesa deu muito (e justificado) relevo ao tema das revelações de Wallraff, tal como foi patente o interesse por

parte dos órgãos de Informação internacional. Os órgãos de esquerda (designadamente próximos do PCP) acentuavam o perigo de golpe de direita; os de centro e de direita punham mais ou menos abertamente em causa o teor da reportagem.

Anteontem, Spínola, imediatamente, desmentia a denúncia, bem como outro tanto fazia o MDLP.

No entanto, factualmente, a Stern publicava fotografias de Spínola a chegar ao aeroporto de Dusseldorf, no dia 25 de Março, da comitiva no restaurante, bem como o mandato extraordinário que credenciou os adjuntos de Spínola.

E, o Governo suíço, depois de ter ouvido o ex-general, deliberou expulsá-lo do respectivo território, com o fundamento em actividades desenvolvidas a partir do território suíço, a favor de uma organização política clandestina destinada a actuar em Portugal (o MDLP).

Tudo o que fica acima dito visa dar um quadro genérico e sistemático do "Affaire Wallraff", que é, a um tempo, um "Affaire Spínola", conforme diz a revista Stern.

**Simplemente, acrescentem a esse quadro dois outros elementos fundamentais:**

1.º — Wallraff narrou que, durante os seus contactos no MDLP, lhe tinha sido afirmado que a organização contava com três pessoas de confiança no Conselho da Revolução — generais Ramalho Eanes e Morais e Silva e brigadeiro Pires Veloso.

2.º — Também o jornalista de Colónia acrescentou que Luís Oliveira Dias, secretário de Spínola, teria afirmado ter falado com Franz Joseph Strauss, que se teria prontificado a arranjar residência para Spínola na Baviera, para aí poder exercer actividades políticas, caso tivesse dificuldade na Suíça.

Pondo, de momento, de parte potenciais ligações de Strauss a Spínola (um porta-voz do "leader" de direita bávaro admitiria mesmo ter havido um encontro entre os dois e entre os respectivos secretários), os pontos mais importantes são de longe a veracidade do plano de Spínola para uma intervenção em Portugal, dentro de 1 ou 2 meses, e o facto de terem sido postos em causa três elementos preponderantes do Conselho da Revolução.

Se pensarmos que se aproxima a data das eleições para a Assembleia da República, e sobretudo se considerarmos as subsequentes eleições presidenciais — veremos que as incidências deste "caso"

podem ser politicamente muito significativas.

Começemos pela questão da veracidade do contacto entre Wallraff e Spínola, em solo alemão, contacto esse no qual teria sido aflorado o golpe de estado em preparação para o período inter-eleitoral (Maio e Junho).

Três cenários são, em tese, possíveis. Num deles, Spínola teria mesmo ido, caindo no logro habilmente montado por Wallraff.

Não seria a primeira (e a última?) vez que António de Spínola revelaria uma impulsividade política incontrolável, neste caso acicada por uma possível ambição de regresso político em força a Portugal.

O segundo cenário fica nos antipodas do primeiro: toda a história seria falsa Wallraff, tal como em desmentidos anteriores por notícias falsas, teria inventado o texto e "montado" as fotografias.

O terceiro cenário é intermédio: Spínola — pessoalmente — não teria estado em Dusseldorf, na data referida, mas os seus emissários teriam estabelecido o contacto exposto com Wallraff.

O primeiro e o último cenários — a verificar-se — revelariam que Spínola continuava a alimentar expectativas de futura intervenção política em Portugal. Também mostrariam que o ex-Presidente português, tal como já sucedera no 11 de Março, fez coincidir uma diligência sua com um período de subida de partidos do centro e da direita. Por outro lado, a experiência mostra que, cada vez que António de Spínola opta (ou é levado a optar) por uma via golpista — sistematicamente os principais prejudicados são os partidos ou forças políticas que teoricamente ele estaria interessado em não lesar.

Desta feita, é o CDS que se tentará ligar ao teor da actuação de Spínola, tal como em 11 de Março disso mesmo foram acusados desde o secretário-geral do PDC até alguns dirigentes do PS, passando pelo PPD.

De qualquer modo, a confirmar-se o encontro de Dusseldorf, ele terá para António de Spínola um muito possível sentido: o de assinalar o termo da sua carreira política.

Quer alimentar projectos de golpe de Estado conspiratório num período de institucionalização democrática; aceitar contactos com entidades ou organizações características como de ultra-direita; deixar-se envolver num logro ostensivo, em momento com a gravidade de um período pré-eleitoral — tudo isto mostraria, pelo menos, que António de Spínola está completamente desintonizado da vivência democrática e do contexto actual da vida política no nosso país.

Dissémos acima que todas estas considerações respeitam à com-

provação da veracidade das afirmações de Wallraff.

Claro que o analista político não pode — à curta distância que nos encontramos dos acontecimentos — optar seguramente por um dos três cenários enunciados.

O máximo que poderá dizer é que a favor da veracidade de um primeiro cenário (Spínola em Dusseldorf) parecem abonar os seguintes elementos:

1.º — O vulto apresentado com Spínola nas fotografias assemelha-se claramente ao ex-general;

2.º — Numa das fotografias da chegada ao restaurante a Dusseldorf, em pano de fundo, são visíveis (e em posição que torna difícil a montagem) Wallraff e os dois secretários de Spínola, sendo evidente a identificação de Luís de Oliveira Dias;

3.º — A mesma identificação (e de José Vale de Figueiredo) é fácil de fazer noutras das fotografias, embora nesta a montagem não fosse, em tese, impossível;

4.º — O mandato extraordinário passado por Spínola ao seus secretários parece ser verídico;

5.º — As investigações — decerto cautelosas — do Governo Suíço concluíram, peremptoriamente, pela existência daquele mandato, e anotaram que Spínola confessara ter sido abordado, na viagem à RFA, para uma venda de armas;

6.º — O informador de Strauss confirmou que o político bávaro mantivera contactos com o ex-general Spínola.

Com a ressalva de poderem surgir outros dados concludentes — neste sentido ou no inverso — a reportagem da Stern até ao moneto num ponto parece ainda não "destruída" na sua veracidade: Spínola teria estado em Dusseldorf, com Wallraff, tendo sido abordado o "apoio financeiro e logístico" ao MDLP.

Simplemente, apurar isto é curto para um "Caso" desta dimensão política.

É curto concluir que Spínola foi — uma vez mais — vítima da sua actuação política.

Interessa saber quem e porquê estaria — também agora — interessado em tirar proveito político de um encontro como o de Dusseldorf.

E aqui entronca-se a segunda faceta das revelações de Wallraff: a referência à ligação de três oficiais generais, e membros do Conselho da Revolução, ao MDLP.

Na verdade, o depoimento de Wallraff não os implica directamente em toda a narrativa do almoço na RFA, nem no projectado golpe.

E, um observador desatento poderia concluir que portanto, à alusão a Ramalho Eanes, Morais e Silva e Pires Veloso é um mero "fait-divers" no imbricado da reportagem.

Ora, a subtilidade da conexão feita com os três conselheiros da Revolução está na forma indirecta, mediata, como é feita.

Eles não são acusados de terem ligações ao MDLP, apenas são apresentados como uma quase "cobertura legal" do Movimento. Não se afirma que conheçam os planos golpistas desvendados do MDLP, ou demais actividades deste.

Mas, a associação no mesmo artigo das duas premissas como que estabelece (visa estabelecer) uma responsabilidade objectiva, onerosa dos três conselheiros da Revolução pelos actos concebidos ou executados do MDLP.

Para apreciar, sem "parti pris", esta faceta do "affaire Wallraff, o essencial é, pois, saber:

— existem ou não ligações entre Ramalho Eanes, Morais e Silva e Pires Veloso e o MDLP?

— quem está interessado — neste momento — e porquê em tentar envolvê-los nos planos do MDLP?

Ouvidos por alguns órgãos de Informação, os três dirigentes militares repudiaram frontalmente o teor da acusação.

Mas, para o analista político, muito mais importante do que este repúdio, é um outro elemento sintomático: o silêncio de Wallraff quanto às ligações de outras figuras militares ao MDLP.

Ou seja, vamos admitir — por mera hipótese — que os contactos aludidos por Wallraff são verídicos. Como se explica que o mesmo Wallraff — que aparenta ter conhecido profundamente as estruturas internas do MDLP — não refere contactos, esses sim directos, que se sabe comprovadamente terem existido há meses entre elementos do MDLP e outros dirigentes militares, incluindo Conselheiros da Revolução? O EXPRESSO noticiou — e mantém — um almoço entre um conselheiro da Revolução e Alpoim Galvão (em que, aliás, aquele como que actuou como "mandatário" do Conselho). E também já noticiou (sem ter sido desmentido) que outro conselheiro da Revolução teve, em tempos (antes do 25 de Novembro), contactos com sectores do MDLP.

Nada disto — que é praticamente público e notório é dito por Wallraff.

A escolha de Ramalho Eanes, Morais e Silva e Pires Veloso não é, assim, ocasional.

Os três detêm posições-chaves nas Forças Armadas portuguesas. Os três têm tomado recentes posições consideradas des-

**SÓ PARA ADULTOS**

interdito a menores de 18 anos

Temos ao seu dispor todos os artigos acessórios para uma completa harmonia sexual, e não só... gadgets, crêms, livros, lingerie especial, cassetes, etc.

VOCÊ remete nos 5500 em selos de correio, para despesas de portes do catalogo completo que lhe enviamos.

Dirija o seu pedido ao:

C. E. I. - Departamento 18

Apartado 2 354 - LISBOA 2

Jornal do Brasil

A-DE

# Spínola alegou

*Continuação da pág. 1*

Portugal) (Círculo de Iniciativa de Solidariedade com Portugal), com sede em Colónia. Neste círculo, convergem elementos do Partido Comunista Alemão, da ala esquerda do SPD e da Confederação Sindical DGB.

O «Círculo», entre outros órgãos de informação, mantém conexões com o «Deutsche Volkszeitung» («Jornal do Povo Alemão»).

Quer o «Círculo», quer o «DVZ» acompanhariam intensamente forças políticas de esquerda radical no nosso país durante praticamente todo o ano de 1975 e o começo de 1976.

Assim, seria constituída uma delegação de imprensa alemã (sob a sigla PDI), que voaria de Munique para Lisboa, em 20 de Julho de 1975. Nomes: Gunther Wallraff, Kurt Hirsh, Erdmute Beha, Hella Schlumberger, Elisabeth Endress (Hella Schlumberger é a mesma pessoa que funcionava como secretária de Wallraff nos contactos com Spínola).

A solidariedade para com as forças revolucionárias portuguesas levaria à criação de núcleos estudan-

tis em Universidades como as de Aachen, Oldenburg, Dusseldorf, Münster e outras.

Entretanto, Wallraff, já no Outono de 75, manteve relações estreitas com a Cooperativa «A União Faz a Força» (ao que parece envolvendo dádivas do «Círculo» para a sua manutenção), relações essas propagandeadas por Helmut Baush, elemento do Partido Comunista Alemão e redactor do DVZ.

Multiplicam-se os contactos do DVZ com políticos portugueses à esquerda do PS no fim do Verão, e durante o Outono de 1975.

Em 15 de Setembro de 1975, o almirante António Rosa Coutinho, em carta enviada para Düsseldorf, agradeceria a iniciativa do DVZ (ver fotocópia junta), que entretanto patrocinava a vinda a Portugal de várias delegações, tendo o DVZ posteriormente, enviado Walter Bloch contactar o almirante Rosa Coutinho para o ouvir sobre a situação em Angola.

Em 28 de Outubro de 1975, seria a vez de José Manuel Tengarrinha, em nome do MDP/CDE, agradecer o contributo do DVZ à causa das forças de esquerda portuguesas.